



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

ENIGMA EM PSICOTERAPIA CORPORAL COM CRIANÇAS: BRINCAR COM A MORTE?

**Cristiane Zanette de Camargo
Sandra Mara Volpi**

RESUMO

O trabalho visa compreender como a Análise Bioenergética, uma terapia que se apoia na proposição de que cada ser é seu corpo, pode contribuir com o processo psicológico e emocional de uma criança de 8 anos. A criança em questão apresenta durante as sessões no consultório diversas queixas escolares e situações em que parece "brincar com a morte". Como terapeuta corporal acredito que as tensões armazenadas no corpo restringem a capacidade de viver uma vida satisfatória, e que a Análise Bioenergética tem o intuito de tentar restabelecer a capacidade do indivíduo se autorregular e buscar sua unicidade.

Palavras-chave: Análise Bioenergética. Brincar. Criança. Morte.

A Psicologia Corporal é uma maneira de compreender o ser vivo na dualidade mente e corpo, numa unidade energética, buscando estudar como se manifestam comportamentos e energias, tanto do psiquismo (mente) sobre o soma (corpo), quanto o seu contrário. Tem como objetivo ajudar o ser humano a reencontrar e regular sua capacidade energética, bem como pensamento e emoção para assim obter uma vida saudável. Esta abordagem teve suas origens com Wilhelm Reich, médico vienense que esteve ao lado de Freud e da Psicanálise por algum tempo, mas com suas descobertas precisou romper, e criou sua própria escola, que preconizava a ideia do pensamento e da emoção serem indissolúveis e influenciarem-se mutuamente. (VOLPI & VOLPI, citados por ROVANI, 2008, p. 8).

Neste caminho, ele desenvolveu a técnica da Vegetoterapia que considera que todas as doenças físicas e emocionais têm origem em bloqueios de energia que se formam em épocas específicas do desenvolvimento humano de cada ser. Esta energia bloqueada se fixa em zonas do corpo bem delimitadas, impedindo então o fluxo nestes lugares. Para que haja saúde, faz-se necessário que haja o desbloqueio desta energia estagnada e que a mesma volte a circular livremente dos pés à cabeça.

Os bloqueios são provocados pelos sentimentos que causam alguma experiência estressante e ou traumática ao indivíduo. Quanto mais precoce for esta experiência mais o indivíduo terá dificuldades para interagir com o meio em que vive, e a partir dela será influenciado e contaminado em sua estrutura física e emocional. A esta interferência na estrutura chamamos de couraça, a qual determina e/ou forma um tipo de caráter que tende a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

desenvolver “doenças” típicas.

A Vegetoterapia busca, através do corpo, resgatar as emoções mais profundas do ser humano. Chamamos de encorajamento a mudança do padrão de energia vital que antes das experiências ameaçadoras no indivíduo fluía naturalmente.

Reich mapeou nosso corpo em sete segmentos de couraça, os quais são: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico. É através destes segmentos que o psicoterapeuta corporal trabalha.

Assim como Reich contribuiu enormemente com Freud, ele também teve um discípulo chamado Alexander Lowen que trouxe outras contribuições ao trabalho de Reich.

Lowen, médico e psicoterapeuta, foi cliente de Reich e desenvolveu uma metodologia de psicoterapia que chamou de Análise Bioenergética. Ela é um método que busca compreender a personalidade humana em termos de processos energéticos que acontecem no corpo. O que acontece no corpo reflete na mente e vice-versa. A partir desta metodologia podemos fazer uma leitura do corpo, da estrutura, expressão corporal e emocional do indivíduo que procure este método.

A Análise Bioenergética ajuda no desenvolvimento da autoconsciência e autopercepção e realiza mudanças tanto na estrutura corporal como também na maneira de ser do indivíduo através de seus exercícios. Se eu estou conectada com meu corpo, eu tenho as ferramentas para me relacionar nesse mundo comigo mesma e com o outro. Se eu estou conectada comigo, eu estou em contato com a realidade. Nossa realidade básica é nosso corpo. Para nos conhecermos, temos que sentir nosso corpo.

Para mim, fazer psicoterapia não é nada fácil. É um caminho árduo de contato e entrega a si mesmo o tempo todo. Muitos tentam, mas só os corajosos persistem, pois por mais que haja nosso desejo de mudança e para algo melhor, há também o medo de mudar, medo do novo, além do apego aos nossos velhos padrões, que impedem e dificultam o fluxo e a pessoa de seguir no caminho da mudança.

A metodologia de Lowen vem baseada em Reich e Freud. Ele também desenvolveu e contribuiu com outros conceitos sendo o mais importante o *grounding*, que significa enraizamento, contato com a Terra.

A Análise Bioenergética une passado, presente e futuro. Propõe olharmos para a história de cada um individualmente e o resultado é a possibilidade de voltar a pulsar, de ser flexível para expressar a si mesmo de forma livre. A história de cada um está no próprio corpo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

Todas as experiências vividas, as relações da primeira infância, traumas físicos e emocionais permanecem no corpo e formam tensões que geram possivelmente dores, posturas, gestos, tom de voz, etc.

Quando somos crianças, somos cheios de graça, colocamos os dedos dos pés na boca, somos flexíveis, livres. Com o passar do tempo e das dificuldades no caminho de cada um, o corpo na adolescência já não é mais o mesmo. Muitas vezes já até perdeu a graciosidade. E o que se percebe é que ao longo do desenvolvimento coloca-se uma porção de impedimentos na vida da criança e ela, com o tempo, torna-se impedida de expressar seus movimentos, sentimentos e pensamentos. O nosso pensar interfere na nossa graciosidade que Lowen sempre disse que tínhamos. Por pensar, acabamos controlando nossos movimentos e assim eles se tornam mecânicos, impedindo o fluxo da energia vital.

Baseada nos impedimentos ocorridos na primeira infância, a psicoterapia corporal infantil é um trabalho que muitos profissionais vêm desenvolvendo, porém há poucos registros sobre a intervenção da abordagem corporal com crianças.

Reich sempre foi muito esperançoso e acreditava que era possível mudar a humanidade, desde que nos preparássemos e nos investíssemos de coragem e determinação para encarar nosso miserável fracasso. Dizia que não podemos dizer às crianças o tipo de mundo que devem construir, mas equipá-las de uma estrutura de caráter saudável, cujo vigor biológico as tornaria capacitadas a tomar suas próprias decisões, encontrar seus próprios caminhos, dirigir seu próprio futuro, contribuindo dessa forma para a criação de um mundo mais saudável. (VOLPI, citado por REICHERT, 2009, p. 14).

Sabemos o quanto Reich dedicou-se em seus livros para dizer que o processo psicoterapêutico atua na prevenção, que vai além de trabalhar somente com os sintomas e dificuldades trazidas pela criança. A neurose se constrói ao longo da infância, por isso nossa dedicação e dos diversos autores de atuarmos no sentido preventivo.

As crianças nascem sem couraça, mas se tornam emocionalmente bloqueadas em sua bioenergia e em suas emoções porque são podadas por pais e educadores encorajados que desenvolvem ideias errôneas sobre como a criança deveria ser ou fazer. Reich sempre afirmou que quase toda mãe sabe profundamente o que a criança é e do que ela precisa, mas a maioria das mães segue teorias falsas e perigosas, de teóricos superficiais, em vez de ouvir seus próprios instintos naturais. (VOLPI, citado por REICHERT, 2009, p. 16).

Por conta de não haver muita contribuição teórica, os profissionais que trabalham com a abordagem da Psicologia Corporal tendem a adaptar as intervenções utilizadas com o adulto à



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

criança para auxiliar seu trabalho.

Hoje em dia há um movimento que vem crescendo no sentido de humanização dos partos, profissionais da saúde, cuidadores, etc. Isso vem acontecendo na busca de se respeitar a auto-regulação e da criação de bons vínculos para darmos recursos para a criação das nossas crianças.

Sabemos como é nossa educação, muitas vezes repressiva e autoritária. Nem sempre o afeto tanto dos pais quanto dos educadores é notado. E o quanto isso revela as marcas da própria infância destes, que se reflete em seus modos de educar. A neurose é uma doença de massa, transmitida de geração a geração. Mais do que ser tratada, deve ser prevenida.

A prevenção da neurose no mundo somente será possível quando aprendermos a cuidar de quem ainda é saudável, de quem ainda não foi afetado: as nossas crianças. (REICH, 1983).

Conhecendo então a Psicologia Corporal e como ela pode ser utilizada no processo terapêutico com criança, o trabalho parte para abordar esta técnica se particularizando no que se refere ao que é da criança e no que ela herda dos pais.

Os delicados inícios da vida são de grande importância. São os fundamentos do bem-estar da alma e do corpo. Gostaria de pedir-lhes apoio a estes esforços. “Precisamos de paz sobre a Terra, paz que começa no ventre da mãe” (EVA REICH, citada por REICHERT, 2009, p. 80).

Tenho como exemplo uma criança de oito anos, único filho, trazida pela mãe com muitas queixas escolares e familiares, tais como: agitação, agressividade excessiva, indisciplina, dificuldade de concentração e foco, entre outras.

Durante o trabalho, foi se percebendo que além destas queixas havia um interesse muito grande dele de brincar com a morte. Como assim brincar com a morte? Ele encenava no consultório seu próprio enterro. Havia uma necessidade de que também eu me assustasse com a morte dele, pois a partir de algum momento ele começaria a se mexer e a sair do “túmulo”. Foi permitido fazer essa “brincadeira” em várias sessões, inclusive para minha própria compreensão, pois, para uma criança tão cheia de vida, com um corpo no caminho de estar equilibrado de energia essa necessidade era confusa e parecia não se adequar àquela criança..

A partir disso, a mãe foi chamada para uma conversa onde contou que ele tinha sido planejado enquanto gravidez por um desejo dela, mas também para “distrair a sogra” que havia



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

perdido o marido. Nela havia um medo de morrer, por conta de se sentir velha, e deixá-lo, já que as pessoas não suportam ficar muito tempo com ele e com a cachorra que convive com eles, que também está velha e adoecendo. Trouxe também que não queria que ele tivesse saído da barriga. Isto tudo denota que no campo familiar há uma mensagem para o tempo passar devagar, pois a morte ronda este ambiente.

A conexão energética que existe entre mãe e filho se estabelece desde o nascimento e permanecerá por toda a vida. E neste processo de despertar para a vida, a criança precisa compreender o seu processo de existência.

Foi pensado em trazer mais essa mãe à terapia e trabalhar esse tema, porém havia uma resistência por parte da mesma em vir à sessão. E quando vinha parecia não levar a sério a orientação. Era difícil olhar para ela enquanto mãe. O trabalho com ele foi caminhando, melhorando as notas na escola, sua agressividade, disciplina, educação, além de no consultório diminuir a frequência da “brincadeira de morte”. O ponto crucial de cessar ou de buscar resolver este conflito foi quando ao invés de eu me assustar com a morte dele, eu chorei e disse o quanto era triste perdê-lo. Ele ficou em silêncio por alguns instantes, parecia fazer sentido e disse: “Não é pra você chorar! É pra você se assustar!” e saiu debaixo do colchão pronto para brincar de outra coisa.

As brincadeiras iam de encontro às queixas, sempre com trabalho corporal, por exemplo: andar numa linha; expressar contra o João Bobo; jogar bolinhas no João Bobo; contar num pé só; chute contra o gol; correr e depois andar bem devagar; boliche; dardo; encher bexiga; concha, além de jogos como: jenga, dominó e quebra-cabeça para observar e estimular outras sensações como: ansiedade, paciência, desistência, etc.

Neste trabalho com relação à morte foi necessário investigar para que eu mesma ficasse mais flexível com isto, pois a morte, em si, é uma incógnita. Sabemos que vamos morrer, alias é a única certeza da vida.

Pensando em morte, na verdade podemos pensar em termos da Bioenergética que o medo da morte, medo do amor, é na realidade o medo da vida. A nossa angústia decorre do quanto não nos entregamos para a vida. O quanto nos damos pouco às nossas vidas. E pensar na morte assim, ela pode nos “surpreender”, sem que tenhamos vivido ou conquistado a entrega à vida. Um exemplo simples é quando um indivíduo vive uma doença trágica e consegue sobreviver e se recuperar. É nítido perceber que em muitos casos o quanto a pessoa muda a forma de ver e viver a vida. Os valores, as relações, o valor do dinheiro, o tempo, etc.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

Tudo muda! E a entrega e importância dada à vida é outra.

Como enfrentar algo tão vivo e certo como a presença da morte na vida? Qual caminho seguir? No consultório, às vezes acontece da criança querer saber o que acontecerá no futuro, sobre elas, sobre os pais, amigos. Para cada pessoa existe uma resposta diferente para este tema.

Segundo Lowen (1986), quando o ser humano se entrega às sensações é como se ele se rendesse à espontaneidade, à vontade e natureza do corpo e da vida. No entanto, seu sistema defensivo age como defesa contra a vida porque tem medo de ficar à mercê de si mesmo, ou seja, ergue barreiras de defesa contra a vida.

Para falar em vida, precisamos pensar em qual seria o sentido dela. Muitas pessoas vivem conforme o grupo se comporta ou a sociedade. O que pode ser significativo para um pode não ser para outro. É próprio do ser humano estabelecer objetivos, metas, criar sentido à vida senão não há sentido.

Para Lowen (1986), sabedoria é perceber que a vida é uma viagem, cujo significado se encontra no próprio percorrê-la e não em seu ponto de chegada. A pessoa sábia é como a Esfinge, no sentido de ter reconciliado em si mesma as forças opostas da natureza humana, o corpo animal e a mente divina.

Quando falamos em morte nosso corpo já muda, há a sensação de fechamento, contração e um murchar, muitos nem gostam de falar sobre isso. Parece que é constatar a pequenez e o destino de não sermos eternos. Para falar às crianças sobre a morte, muitos adultos mentem, criam histórias, etc.

A morte é um destino a que ninguém pode escapar e que podemos escolher como queremos morrer: sendo covardes ou heróis. O herói encara a morte sem medo, porque durante sua vida viveu sem medo dela. O covarde fugiu várias vezes de encarar a vida de frente, se escondeu, se encobriu para se proteger ao invés de ter essa atitude heróica diante da vida. (LOWEN, 1986, p. 190).

Nos dias de hoje, é comum, nos divãs de psicanalistas, adultos, idosos, pais e mães de família manifestarem insatisfação com a própria existência, desejo de mudança. Vale o registro, caro leitor, de que essa iniciativa de falar sobre a vida já era recomendada por Epicuro aos seus discípulos, lá pelos idos de 3 séculos a.C.” (BARROS FILHO & MEUCCI, 2014, p. 61).

O que eu sinto pela própria experiência de consultório é que as pessoas têm medo de viver. As pessoas não se arriscam, não sobem mais em árvores, não brincam mais, não se



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

comprometem, etc. E temem a morte? De qual morte não se deram conta? Sentir medo frente a uma situação ameaçadora é completamente normal.

Para Lowen (1984), medo é quando existe uma ameaça de dor realizada por força que seja sentida como superior e a sensação faz com que a pessoa recue para não se machucar. Apesar de a razão tentar controlar a emoção, não consegue; e a pessoa poderá escolher entre lutar ou fugir. O que determinará a ação de alguém será sua força de vontade frente àquela situação apresentada.

Segundo Teixeira (2003), a criança vai construindo o conceito de morte juntamente com o desenvolvimento cognitivo.

Piaget (2003), fala sobre quatro períodos no desenvolvimento cognitivo das crianças. O sensório-motor, que vai do nascimento até os dois anos e meio da criança; o pré-operatório, dos dois e meio até os sete anos; o operatório concreto, dos sete aos 11 anos e o operatório formal que ocorre a partir dos 12 anos.

Acredito que pela idade, a criança citada deve estar saindo do pré-operatório. Nesta fase as crianças não fazem distinção entre seres inanimados e animados, não percebem a morte como definitiva e irreversível e, caminhando para o operatório concreto, é que distinguem entre seres inanimados e animados, mas não dão respostas lógico-categoriais de causalidade da morte. Elas buscam aspectos perceptíveis, como a imobilidade para defini-la; contudo, já são capazes de perceber a morte como irreversível. O que estou tentando dizer é que morrer não precisa ser amedrontador ou doloroso, quer social ou psicologicamente. E que também pode não haver relação entre nossas imagens do morrer e a experiência de morte, entre observação da morte de alguém e o sentimento de morrer. A implicação dessas é que, na nossa cultura morrer é um fenômeno desconhecido (KELEMAN, 1997, p. 13).

Ele nas últimas sessões trazia a necessidade de montar quebra-cabeça e montou vários. A princípio começava achando que não saberia fazer, mas alguns minutos depois e com o meu apoio chegava até o fim. Era conversado com ele que algumas coisas estavam se encaixando na vida dele assim como as peças do quebra-cabeça e o mesmo concordava. Na última sessão ele trouxe uma caixa de sapato cheia de figurinhas. Pediu ajuda para separar para elas ficarem organizadas. Havia ali uma necessidade de organizar sua vida ou parte dela. Na caixa havia papéis que ele pediu para jogar fora porque não iria mais usar, além de uma pilha que era da mãe e também estava ali. Mas a pilha ele guardou.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

As famílias que mantêm seus laços emocionais tomaram a decisão de não morrer sozinhas. As famílias que se separam facilmente ou que não têm laços emocionais instituem, entre seus membros, uma ansiedade do morrer solitário. Morrer é um processo pessoal, mas também familiar e tribal (KELEMAN, 1997, p. 64).

O que quero dizer com isso é que não sinto que sejam dele muitas das queixas, inclusive esta da morte. E o trabalho com a mãe era de extrema importância, pois no consultório ele se desenvolvia, na escola também estava bem, porém em casa e nos demais familiares nada progredia.

Parto da premissa do que Lowen (1982) nos diz que a Bioenergética é uma técnica terapêutica que ajuda o indivíduo a reencontrar-se com seu próprio corpo, e a tirar o mais alto grau de proveito possível que há nele.

A terapia busca retomar a natureza primária do ser que existe dentro dele, e a liberdade, que é a ausência das restrições ao fluxo de sentimentos, sensações, movimentos, carga, descarga e, com isso, alcançar um corpo saudável e, portanto, uma mente saudável.

Para mim a relevância deste estudo está em contribuir e acrescentar a teoria e a própria prática da Psicologia Corporal para minha aprendizagem e formação, além de acrescentar a própria abordagem com o exemplo do caso.

Vejo também que é um tema novo e único na minha prática clínica. Além disso, chama minha atenção esta criança ter um progresso muito lento na terapia, enquanto outras crianças progredem rapidamente, e o apego excessivo da mãe com a criança.

Portanto, com o desenvolver do trabalho pode-se observar este apego excessivo ser pelo fato de que se ele crescer, ela envelhece. Também ficou perceptível o fato de começar a competir com a terapia levando-o toda vez após a sessão para tomar milk-shake. A observação sobre o processo estar sendo lento pode ter como hipótese de que se realmente ele encontrar alguém que o ajude a se desvencilhar e separar o que não é dele, precipita a mãe envelhecer/morrer.

Como terapeutas sabemos que o brincar para a criança tem como objetivo de favorecer a evolução psíquica e o seu desenvolvimento, o que permite que a criança elabore seus conflitos psíquicos.

É importante considerar que o trabalho corporal além de seu objetivo específico de flexibilizar as couraças, tem como objetivo o acesso à criança interior.

A buscar de trazer a mãe à terapia com mais frequência era a proposta do reencontro



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

dos pais com sua criança interior, buscar acolhê-la no seu sofrimento, pois sabemos que a Psicoterapia Corporal abre espaço para arriscar, criar e ensaiar. E são totalmente compreensíveis os medos desta mãe, aliás, de todos nós.

“O medo é o obstáculo a todo funcionamento sadio do ser vivo, é a causa de todo impasse, de toda a resistência e de toda a violência” (NAVARRO, 1996, p. 16).

Portanto, compreender os conflitos que nos impedem de ser, sentir, vivenciar o que acontece com os pais, ajuda muito na superação dos obstáculos do que possa não fluir na criança.

O espaço terapêutico é também para estes momentos, onde possamos juntos aquecer os corações, com a mesma simplicidade quando uma criança sorri e que a mesma consegue tocar e descongelar qualquer dureza.

Por outro lado, sabemos que o encorajamento é um mecanismo necessário porque contribui com a nossa sobrevivência. Mas, ao lidar com uma criança devemos lembrar que ela ainda não está formada, portanto as emoções e a energia ainda fluem livremente.

Para mim, o que não podemos nos esquecer, tanto no trabalho com adultos, mas principalmente com crianças, é que nossa aprendizagem somente pode ocorrer a partir da nossa própria criança interior. E nesta relação devemos ser uma alma humana trocando e tocando outra alma humana.

O trabalho com criança é lindo, mas também frustrante porque temos que contar com o apoio familiar neste caminho de mudança.

Para Navarro (1996), o indivíduo que não se reapropria do próprio corpo, dificilmente conseguirá adquirir outros níveis de autonomia. Liberdade é a redescoberta dos próprios biorritmos.

A terapia coloca-nos em contato com nossas defesas caracterológicas, mas é um processo para toda a vida suavizar nossas defesas e couraças. [...] Qualquer sentimento singular às nossas defesas de caráter precisam ser revisitados. Quando fazemos isto, nós encaramos nosso medo da expansão da vida e da derradeira contração da morte. (CARLINO, 2006, p. 12).

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, C.; MEUCCI, A. **A vida que vale a pena ser vivida.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CARLINO, L. **Análise Bioenergética:** uma terapia, bem como um vibrante modo de vida. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. *Psicologia Corporal*, v. 7, Centro Reichiano: Curitiba, 2006.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CAMARGO, Cristiane Zanette; VOLPI, Sandra Mara. Enigma em psicoterapia corporal com crianças: brincar com a morte? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

KELEMAN, S. **Viver o seu morrer.** São Paulo: Summus, 1997. LOWEN, A. **Bioenergética.** São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. **Prazer:** uma abordagem criativa da vida. 7ª ed. São Paulo: Summus, 1984.

LOWEN, A. **Medo da vida:** caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

NAVARRO, F. **Metodologia da Vegetoterapia Carácter-Analítica.** São Paulo: Summus, 1996.

REICHERT, E. **Infância:** a idade sagrada. Porto Alegre: Vale do Ser, 2009. ROCHA, B. S. **Brinkando com o corpo.** São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

ROVANI, M. M. **Morte e as possíveis emoções que a envolvem:** uma pesquisa através da Perspectiva da Psicologia Corporal. Curitiba, 2008. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 06/03/2015.

TEIXEIRA, C. M. F. S. **A criança diante da morte.** Revista da Universidade Federal de Goiás, v. 5, n. 2, 2003 on line.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. 2ª ed. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

AUTORA e APRESENTADORA



Cristiane Zanette de Camargo / Cerquillo / SP

Psicóloga ((CRP-06/101932), facilitadora em Análise Bioenergética e Analista Bioenergética pelo LIGARE-Americana/SP, Membro do Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo (IABSP) e do Instituto Internacional de Análise Bioenergética (IIBA). Especialista em Psicologia Corporal no Centro Reichiano – Curitiba/PR.

E-mail: cris_zanette@hotmail.com

ORIENTADORA

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga (CRP-08/5348) formada pela PUC-PR. Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagoga (CEP-Curitiba), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br